



Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmas. Senhoras Vereadoras e Exmos. senhores vereadores,

Exmos. Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Exmos. Senhores Presidentes das Assembleias de freguesia

Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal

Ilustres convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Estamos aqui hoje reunidos neste sempre magnífico e acolhedor Salão Nobre dos Paços do Concelho, a comemorar os 40 anos de um acontecimento que ficará para sempre marcado na História de

Portugal e na memória de todos os portugueses como **o dia da LIBERDADE**.

E Porque a LIBERDADE, como bem sabemos, não se ganha – CONQUISTA-SE!

Em 25 de Abril de 1974 os Portugueses souberam conquistá-la, após anos e anos de luta e sonho, de resistência, de lágrimas e esperança, os Capitães de Abril foram a ponta afiada da espada de um ideal que desferiu a estocada final num regime já cansado e em evidente decadência, mantendo o povo Português amordaçado e alimentando uma guerra colonial injusta, inútil e inconsequente, à revelia da evolução inexorável da História da Europa e do Mundo.

Nós – os mais jovens, que tivemos o privilégio de nascer no seio de uma sociedade já em liberdade – e aqueles, os menos jovens, que por ela tiveram de lutar e para nós a construíram, somos todos juntos os fiéis depositários dessa herança, e cabe-nos a nós o papel de defender a liberdade até às suas últimas consequências.

Meus amigos,

Nunca os valores de Abril estiveram tão ameaçados como hoje.

Nunca as famílias portuguesas, pilares da nossa sociedade estiveram tão ameaçadas.

Valores como o direito ao trabalho, à saúde, à habitação, direito a uma velhice sem sobressaltos, após muitos anos de trabalho. Direito à educação e à cultura, são hoje pouco mais que artigos da Constituição da República, sistematicamente atacados, ora pelos grandes grupos económicos, ora pelos sucessivos Governos PS/PSD/CDS.

ABRIL está mais actual que nunca. Tão actual como as palavras de ordem que tantas vezes foram e continuam a ser ouvidas:

25 DE ABRIL SEMPRE! FASCISMO NUNCA MAIS!

Cada vez mais, vemos os grandes grupos económicos com poderes cada vez mais absolutos e lucros ainda mais obscenos, e o povo, aquele que trabalha, aquele que cria riqueza, que constrói a nossa sociedade dia após dia com a força do seu trabalho, aquele que luta para dar coisas tão elementares como a alimentação, a saúde e educação aos seus filhos, lhes ser negado direitos tão fundamentais como o direito ao trabalho. Empurrando-os novamente para a miséria, para a exclusão social, ou como sugerido para a emigração.

É Por tudo isto, que lutar pela liberdade, lutar por Abril, e pelo sucesso do nosso País continua tão actual hoje como há 40 anos.

Esta comemoração meus senhores é já um ritual instituído. Há quem se diga alérgico a rituais ou os tolere com alguma contrariedade. Acentuam o seu carácter repetitivo, raramente o elogiam exigindo a novidade, às vezes de forma demagógica. Mas o ritual é, acima de tudo, um forte elo de ligação de cada um de nós ao grupo e à comunidade que integramos.

Comemorar Abril – a Revolução de Abril – é o ritual mais importante e necessário ao nosso País, hoje e sempre.

Um momento de denúncia da hipocrisia, da mentira, dos que pretendem ocultar da história, o que Abril foi e significou. Sabemos que não faltarão, tal como no passado, agora decorridos 40 anos da Revolução de Abril, os falsificadores da história.

Não faltarão os branqueadores do regime fascista, reescrevendo a história. Não faltarão os que procurarão responsabilizar Abril e as suas conquistas pela crise e aproveitar para encetar um novo ataque à Constituição da República, que completou 39 anos no passado dia 2, apelidada de forma constante pela direita mais conservadora e fundamentalista, hoje no governo, de predicados indignos, visando a sua completa subversão e a do projecto emancipador, social e nacional, que ela consagra. Por isso, estas comemorações dos 40 anos da Revolução de Abril vão exigir e afirmar a **verdade** histórica, combater a mentira e desmascarar os inimigos e detratores de Abril.

Um momento de afirmação de liberdade e democracia, da luta contra o obscurantismo, o populismo e os objetivos antidemocráticos que querem pôr em causa a democracia.

Esclareça-se de uma vez por todas, que a história começa nos idos de 1986 e dela fazem parte todos os governos até hoje, que tiveram direta responsabilidade ou deram o seu apoio público a políticas que promoveram a precariedade, reformas antecipadas, financiamento a empresas isentadas de descontos, falsas e generalizadas formações profissionais, privatizações e descapitalizações do fundo.

Mais recentemente, porém, a responsabilidade recai naturalmente sobre aqueles que a pretexto de uma muito discutível “banca rota”, subscreveram o pacto de agressão, supostamente imposto pela denominada troika.

Mas minhas Senhoras e meus Senhores:

Volvidos que estão 40 anos desde o 25 de Abril, estamos hoje perante um governo que nestes quase três anos de governação perdeu a sua legitimidade política e constitucional (com cerca de uma dúzia de diplomas já chumbados pelo Tribunal Constitucional) não tem hoje qualquer apoio social. Um governo que não honra os compromissos que o Estado assumiu para com os reformados e pensionistas, que rouba, que esconde, que mente e desmente, que mistifica, que tortura, que virtualiza a realidade, que faz propaganda balofa de forma escandalosa e sistemática, subjugando-se aos mandantes da Europa e que é o espelho do retrocesso civilizacional em que nos colocou. Com a mudança de ministérios e ministros, algumas bem polémicas, com a substituição de mais de uma dúzia de secretários de Estado, três dos quais consequência dos envenenados "swaps", mantendo, no entanto, uma ministra com gravíssimas responsabilidades nesta matéria e que mentiu descaradamente à comissão de inquérito parlamentar, sustentada por um relatório final altamente partidarizado do qual o seu nome tão pouco consta.

Ministros envolvidos nos casos BPN/SLN.,na obscena trapalhada que foi o caso dos Estaleiros de Viana, submersos num mar de conflitos de interesse. Na Saúde onde se sente diariamente um ataque confrangedor ao Serviço Nacional de Saúde com vista ao seu desmantelamento. Na Justiça onde o regime para além de ser indulgente para os ricos (veja-se a incompreensível prescrição de processos), foram fechados vinte tribunais e, não menos grave, a retirada de valências de muitos outros, com o total desprezo pelos interesses das populações.

(Estarei a ir longe demais quando digo VERGONHA NACIONAL?),

E, para não me alongar com mais exemplos, um último que não pára de surpreender pela falta de palavra, para não dizer de carácter. É ele que preside ao partido do contribuinte, dos pobres, da lavoura e dos reformados, que falou de linhas intransponíveis e de decisões irrevogáveis. Foi ele que ameaçou, chantageou e manteve o governo refém até receber a ornamentação de vice-primeiro-ministro. Foi ele que procedeu à inauguração de um relógio que supostamente faz as contas do regresso do País à soberania plena e ao fim do protetorado. Seria até burlesco se não fosse trágico. Afinal de contas nada disto foi minimamente justificado na Epopeia Monótona e Dezembrista de Oliveira do Bairro! De facto meus amigos "O que tem de ser tem muita força".

Este governo que, na pessoa do primeiro ministro se revela como um autêntico catavento de ideias erráticas, que há cerca de três anos tem enchido este País de normas avulsas sem qualquer sustentabilidade que fala constantemente de um País virtual e que é sem dúvida **o principal responsável por um consciente e fundamentalista terrorismo social que empobrece o povo português**. Responsável por uma chocante e brutal ofensiva contra os salários e pensões, contra os direitos e garantias e contra a qualidade de vida da esmagadora maioria do nosso Povo, quando são outros, e sempre os mesmos, a Banca e os grandes grupos económicos, os responsáveis pela difícil situação a que chegámos e que nunca são atingidos nesta ofensiva. **Em contrapartida, neste País, 870 milionários têm rendimentos equivalentes a 45% do PIB.**

Estamos perante a continuação de uma política que se salda por anos consecutivos de estagnação e recessão económica, traduzidos num volume de desemprego nunca antes visto, refletido com especial ênfase nos nossos jovens e no desemprego de longa duração (agora mascarado com um ligeiro decréscimo fruto de um enorme fluxo emigratório), pela flexibilização das relações laborais, pela destruição do aparelho produtivo nacional, pelo alastramento da pobreza, por um acelerado e crescente empobrecimento da população como nos tempos do salazarismo, por um endividamento e uma dependência externa sem paralelo na nossa vida democrática.

É essa a perspetiva que um conjunto de medidas devastadoras – que o Orçamento do Estado para 2014 e o seu Rectificativo, aprovados pela maioria PSD/CDS, (ainda em análise no Tribunal Constitucional) revelam de forma ainda mais brutal que os cortes outrora transitórios passarão a definitivos como aliás o Secretário de Estado da Administração Pública apresentou aos jornalistas, imediatamente desmentido pelo primeiro ministro e vice primeiro ministro, mas que afinal são uma realidade. Assim se continua a enganar o Povo de forma contínua – e que, ao contrário do que se quer fazer crer, a continuação destas medidas brutais, não são dirigidas especificamente aos trabalhadores da administração pública e a todos os reformados. A devastação destas medidas atingirá toda a actividade económica, a sobrevivência de milhares de empresas, a vida de milhões de famílias. Medidas que são um passo mais em direcção ao abismo e que é preciso travar.

Mas então pergunta-se: Todos os sacrifícios a que os portugueses foram sujeitos durante estes três anos melhoraram de alguma forma a sua vida?

Quando o primeiro ministro afirmou por várias vezes que o pior já teria passado, a retoma e os mercados vinham aí, que o ano seguinte seria o decisivo da recuperação e da viragem, inventou um milagre da economia, que o cumprimento do “memorando” fora um “Sucesso” e que estaríamos muito perto de sair desta situação. A esta euforia patética de um governo que está perdido, pergunta-se: **É de facto isto que vai acontecer no pós troika?**

SABEMOS HOJE QUE É FALSO. É MAIS UMA MENTIRA!

Todo este quadro repetidamente enunciado pelo primeiro ministro promove uma descarada campanha de propaganda do governo, suportada por poderosos meios. Uma campanha de propaganda e de mistificação da realidade que quer fazer crer que o pior já passou. Que o país está a dar a volta. Campanha ampliada pelos comentadores de serviço e ao serviço dos grandes beneficiários desta política de desastre nacional. Vemo-los na televisão e no sistema mediático, predominantemente os representantes exclusivos do comentário, em geral mandatários do bloco direitista dos interesses, a debitar milongas como especialistas de tudo e de nada, a replicar, dando ares de puritanismo e independência.

E o que fez perante todo este quadro o Presidente da República, que jurou fazer cumprir a Constituição? **A resposta terá de ser NADA!**

Quando estamos perante discursos amorfos e patéticos – reeditando as chamadas conversas em família - onde ludibriando o povo apela a medidas de equidade, contenção de medidas gravosas e, pasme-se o despudor quando afirma “ **que as aprovações de lei vetadas é a consequência do exercício da democracia**”. Tudo isto revela a falta de carácter de quem ele apoia incessantemente.

Seria igualmente obrigatório confrontar o PS, travestido agora com uma linguagem de esquerda apelando a um “Novo Rumo para o País” a quem exacerbadamente a maioria pede “namoro”. Talvez estigmatizado pelo facto de ter subscrito o memorando e o chamado “Tratado Orçamental”, perguntamos como serão as suas políticas no pós troika? Será que estas políticas defendidas pelo PS vão ao encontro da explanação dos números avançados no famigerado prólogo dos “Roteiros” onde se prevê mais trinta anos de austeridade? Tudo isto é contraditório e requer uma explicação séria e detalhada, de uma vez para sempre, tendo em conta os tempos difíceis que nos esperam. Não poderemos continuar a viver com as chamadas políticas do NIM. **Abril exige esta definição!**

Mas, felizmente meus amigos, cada vez somos mais os que tomamos consciência de quem são os responsáveis por estas políticas de austeridade e continuaremos a afirmar que elas não são inevitáveis tendo em conta as variadíssimas propostas que há muito temos vindo a apresentar como alternativas a este agressivo pacto.

As medidas levadas à prática por estes partidos da direita e extrema direita parlamentar que afinal constituem o governo,

são uma afronta que jamais pensaríamos existir neste País de Abril

Mas Abril há-de um dia julgar os mentores deste assassinato político.

Mesmo contrariando toda esta afronta das políticas que assolam o País, o nosso Concelho, em 29 de Setembro do ano transacto, deu uma **resposta irrefragável**, homenageando Abril!

De forma soberana e através do voto, o Povo de Alcochete, expressou-se de uma forma consciente, atribuindo à CDU a maior vitória que alguma vez uma força política obteve em eleições autárquicas no Concelho de Alcochete.

Hoje como sempre em que a Revolução de Abril está e estará, sempre presente, jamais desistiremos de lutar por uma vida melhor para o nosso Concelho e País.

A luta terá de ser constante, porque é necessário derrotar os que, desde há 40 anos, tudo têm tentado para **“cerrar as portas que Abril abriu”**.

Nunca como hoje o Poder Local sofreu um ataque tão profundo e diversificado, nunca o pilar do Estado Democrático, tecido de proximidade e participação, foi tão fortemente atacado.

Isto não é mais do que um ajuste de contas a uma das mais importantes conquistas de Abril, numa tentativa de pôr fim à construção coletiva de um Portugal, esse sim, com Futuro.

Exemplo disso é o nosso Município, que este ano, receberá menos, cerca de 76 mil euros do poder central, comparativamente ao ano anterior. Isto para não falar dos 327 mil euros que nos foram

roubados, fruto da inqualificável **“alteração das regras do jogo”** que o actual governo decidiu levar a cabo tendo por base uma proposta do anterior governo do PS.

Assim a CDU assume a sua posição ao lado das populações, dos trabalhadores e dos eleitos locais, que lutam e dão combate à destruição do Poder Local Democrático.

Quando se aproximam as eleições para o Parlamento Europeu em que a campanha, por parte da coligação governamental, já começou há vários meses, muito antes dos seus congressos, onde quase apetece dizer que todos os dias **“comemos mercados especulativos, os chamados financeiros, ao pequeno almoço”**. Estamos mais uma vez perante um Governo que mente, e à beira das eleições para o Parlamento Europeu, se prepara para iludir os reformados e aposentados, apontando de forma demagógica e não sustentada o abaixamento do IRS em 2015, o aumento das pensões mais baixas, o aumento do ordenado mínimo e até de mais cortes que o governo esconde descaradamente, evidenciando uma engenharia linguística onde o temporário passou a “duradouro”, mas será certamente definitivo e os despedimentos chamam-se agora “libertar” trabalhadores.

Será esta a saída limpa com maior empobrecimento, com devastação social e com mais austeridade que queremos?

Termino com a firme convicção de que hoje, mais do que nunca, importa continuar a lutar por Abril. Continuaremos a afirmar que as metas propostas por muitas voltas que lhe possam dar são inatingíveis (défice e dívida) por isso hoje e após aquilo a que chamam eufemisticamente a “recuperação da soberania”

insistiremos que a mesma só se concretizará com a revisão do Pacto de Agressão em juros, prazo e montantes. Por tudo isto continuaremos a afirmar que isso só será possível com mais investimento e com uma economia a crescer de forma sustentada.

É nossa convicção que tudo isto só se poderá concretizar com uma **política patriótica e de esquerda e com a rápida demissão deste governo.**

Só assim os valores de Abril se manterão atuais e serão um estímulo nas perspectivas de luta por um Portugal mais próspero e desenvolvido, mais justo, mais fraterno e mais solidário.

Para finalizar, prestemos aqui também, a nossa profunda homenagem a um dos maiores poetas portugueses, que também hoje aqui quero recordar passados 30 anos da sua morte, José Carlos Ary dos Santos:

**“O que é preciso é termos confiança
Se fizermos de Maio a nossa lança,
Isto vai meus amigos isto vai”.**

- **Viva o 25 de Abril**
- **Viva o Concelho de Alcochete**
- **Viva Portugal**